



INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Mestrado em Educação – TIC e Educação

Aprendizagem com as TIC

**EVIDENCIAÇÃO DE COMPETÊNCIAS DE
CIDADANIA E PROFISSIONALIDADE
(GUIÃO DE ATIVIDADES)**

Trabalho realizado por:

João Raimundo de Freitas Ferreira

Docentes:

Prof.^a Doutora Guilhermina Miranda

Prof.^a Doutora Joana Coelho

Dezembro de 2010

Resumo

O trabalho que se apresenta, surgiu no âmbito da unidade curricular Aprendizagem com as TIC, do Mestrado em TIC e Educação e tem como objetivo a conceção de um guião de atividades didáticas/pedagógicas para evidenciação de competências de Cidadania e Profissionalidade no âmbito do Processo de Reconhecimento Validação e Certificação de Competências (RVCC) de Nível Secundário.

Considerando que uma parte das atividades propostas é feita a distância com base em ferramentas tecnológicas (<http://cidmais.wordpress.com/> e <http://www.wiziq.com/>), fundamentei a sua escolha em pressupostos teóricos que permitem a sua correta integração em contexto curricular. Todavia, norteou-me a ideia de que o importante é atribuir o primado aos objetivos de aprendizagem e à abordagem instrutiva que considero mais eficaz e só depois às ferramentas tecnológicas que melhor se adequam ao desenho instrucional que defini. Esta proposta inscreve-se, portanto, num regime de *B-learning*, que foi concebido atendendo à especificidade, não só da população alvo, mas também do próprio processo de RVCC, em particular na área de Cidadania e Profissionalidade, em que se realiza um reduzido número de sessões presenciais em grupo (como já referi), sendo a maior parte do trabalho desenvolvido posteriormente e autonomamente por cada formando.

1. Introdução - «novos» contextos de ensino/aprendizagem

Na atualidade, a literacia digital implica muito mais que saber operar com um computador e as respetivas aplicações. Espera-se que o cidadão do séc. XXI esteja apto a aceder e a processar informação, mas também e sobretudo, que seja capaz de produzir e partilhar informação e desenvolver a aventura do conhecimento como um interveniente direto e consciente do(s) seu(s) próprio(s) processo(s) de aprendizagem. Isto pressupõe uma atitude pró-ativa de pesquisa de informação e de construção conjunta e em rede do conhecimento, por oposição à tradicional atitude passiva e individualizada de acumulação de informação e de construção solitária do conhecimento.

É neste contexto que as TIC podem e devem representar uma mais-valia. Segundo Donaldson e Knupfer (2001), a utilização das tecnologias na Educação:

- Promove uma maior motivação dos alunos pela utilização de um ambiente que lhes é agradável;
- Estimula a interação entre os alunos, a partilha de responsabilidades e o estudo interdisciplinar;
- Permite que os alunos estejam mais recetivos à pesquisa e que arrisquem soluções na lógica da resolução de problemas;
- Permite o aumento da aprendizagem com o alargamento do espetro e da profundidade da pesquisa.

Porém não basta utilizar tecnologias para que daí resultem benefícios imediatos para a aprendizagem. Como refere Andrew Churches (NSWDET - Country Areas Program Regional

Consultants, Australia, 2010), que adaptou a taxonomia de Bloom à aprendizagem com as TIC, a leitura e o estudo de documentos disponibilizados em formato eletrónico torna-se talvez mais apelativa para os alunos, mas continua a contribuir apenas para as aprendizagens mais simples: conhecer e compreender. Não quer isto dizer, todavia, que estas não sejam importantes; pelo contrário são a base para os níveis de aprendizagem mais complexos. Mas, se ao aluno for atribuída a responsabilidade de moderar uma discussão *online* num fórum, ou de desenvolver um conteúdo educativo numa videoconferência, ou de participar num *blog* sobre o(s) conteúdo(s) curricular(es), por exemplo, ele estará a desenvolver níveis de aprendizagem mais profundos: aplicar (as aprendizagens desenvolvidas), analisar (questionar e sintetizar as aprendizagens desenvolvidas), avaliar (a sua aprendizagem e a dos colegas) e criar (produções em diferentes suportes para divulgar/comunicar o conhecimento desenvolvido). Ou seja, as tecnologias, por si só, não serão a resposta aos problemas da educação, mas a sua correta utilização, consolidada em abordagens instrutivas refletidas e conformes com os objetivos de aprendizagem a alcançar, pode contribuir positivamente para boas experiências de ensino e de aprendizagem.

Por outro lado, a diversidade e a facilidade de acesso e de utilização das ferramentas da chamada *Web 2.0* representam, sem dúvida, novos contextos de ensino e aprendizagem formal, não formal e informal e, conseqüentemente, novos desafios e novas oportunidades. Aliás, creio que não há grande alternativa para a Escola, senão aproveitar pedagogicamente o interesse e a motivação que estas ferramentas despertam nos

jovens...e não só! Esta última chamada de atenção prende-se com o facto de exercer funções de Formador em Processo de RVCC (Nível Secundário) e de os «meus alunos» serem na totalidade adultos, imigrantes digitais (porque a verdade é que ainda não me aconteceu trabalhar com alguém que, por força das circunstâncias ainda não tenha pelo menos iniciado «a migração», uma vez que os seus portfolios são obrigatoriamente editados eletronicamente). O que pretendo afirmar é o meu desacordo com a visão estereotipada de que os adultos não se adaptam ao trabalho feito com base em ferramentas tecnológicas. A minha prática diz-me que se aos formandos forem facultadas oportunidades de contacto com aplicações *Web 2.0* e se forem incentivados a utilizá-las como ferramentas de trabalho, eles são perfeitamente capazes de as utilizar, em alguns casos com entusiasmo evidente; são capazes de auto-regular a sua aprendizagem, tornam-se autónomos na utilização das ferramentas e alguns, poucos é certo, conseguem mesmo trabalhar inter-pares, colaborativamente, por iniciativa própria. Não é esta uma migração extraordinária e efetiva, não só dos suportes tradicionais para os digitais, mas de uma forma de pensar e aprender que, preconceituosamente, só se atribuí à chamada *net generation*? Em conclusão, nunca é tarde demais... para «emigrar»!

2. O processo de RVCC - o contexto real de implementação

O Processo de RVCC é o processo de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências desenvolvidas e/ou adquiridas pelos adultos em vários contextos de vida (formal,

não formal e informal), com vista à obtenção de uma certificação escolar de Nível Básico (4.º, 6.º ou 9.º ano de escolaridade) ou de Nível Secundário (12.º ano de escolaridade).

O processo é desenvolvido, numa fase inicial, ao longo de um conjunto de sessões em grupo, durante as quais os Formandos são apoiados, pelos Profissionais de RVC e pelos Formadores, na identificação e evidenciação das respetivas competências. Estas competências são aferidas face ao Referencial de Competências-chave de Educação e Formação de adultos e são evidenciadas através da construção autónoma de um Portfolio Reflexivo de Aprendizagens, sendo a autobiografia a pedra angular do mesmo. O processo culmina com a apresentação do candidato perante um Júri que valida as competências evidenciadas e formaliza a certificação escolar.

A minha atividade docente é desenvolvida no Centro Novas Oportunidades de Cacilhas, no Processo de RVCC de Nível Secundário. O Referencial deste nível (http://www.catalogo.anq.gov.pt/Documentacao/Documents/Documentos%20T%C3%A9cnicos/RCC_N%C3%ADvel%20Secund%C3%A1rio.pdf) engloba três áreas de Competências-chave: Cultura, Língua e Comunicação (CLC), Sociedade, Tecnologia e Ciência (STC) e Cidadania e Profissionalidade (CP), da qual sou Formador a tempo inteiro.

Tratando-se de um processo essencialmente autónomo (assente na construção do Portfolio Reflexivo de Aprendizagens), não dispensa sessões de trabalho presencial em grupo, onde se efetua a descodificação do referencial e se trabalha a evidenciação de competências com base em situações

de vida. No entanto, no que respeita à área de competências-chave de CP, as sessões em grupo previstas são quatro no total (com uma duração de duas horas cada) e, por isso, torna-se fundamental colmatar o reduzido apoio presencial que é possível prestar, através do aproveitamento de ferramentas *Web 2.0* para desenvolver parte do trabalho a distância, tendo em atenção que:

- todos os formandos possuem competências básicas em TIC que, forçosamente, devem utilizar e evidenciar;
- é possível, desta forma, desenvolver parte do apoio à descodificação do Referencial sem as condicionantes espaço e tempo, o que para grande parte dos formandos se revela de grande importância;
- é possível fazer um acompanhamento mais individualizado de cada formando, o que por vezes não se consegue nas sessões presenciais em grupo (especialmente quando estes são muito numerosos).

Concluindo, combino práticas e métodos do ensino/aprendizagem presencial e a distância, consubstanciando um regime de *B-learning* na fase inicial de trabalho em que, ainda enquadrados em grupo, os formandos descodificam o Referencial de Cidadania e Profissionalidade e aprendem a integrar e evidenciar as respetivas competências na sua autobiografia.

Saliento que até ao momento apenas me referi a questões de natureza administrativa, que se prendem com a dinâmica do Processo RVCC e da população alvo, para justificar a opção pelo regime de *B-learning*. No entanto, há outro tipo de razões

de natureza pedagógica e uma intencionalidade didática que fundamentam esta opção, às quais me referirei oportunamente.

3. «Conteúdos programáticos», objetivos gerais e resultados esperados

Se bem que o Referencial de Competências-chave (em particular o de Cidadania e Profissionalidade) não deva ser considerado como um programa curricular, é possível distinguir três grandes grupos de conteúdos que serão desenvolvidos no conjunto de sessões, presenciais e a distância, síncronas ou assíncronas, em que o trabalho dos formandos é desenvolvido em grupo:

1. Noção de competência e de competências de Cidadania e Profissionalidade;
2. Introdução ao Referencial de Cidadania e Profissionalidade;
3. Evidenciação de competências de Cidadania e Profissionalidade na autobiografia.

Como objetivos gerais de aprendizagem, apontam-se:

- Compreender os conceitos de Cidadania e Profissionalidade;
- Conhecer a arquitetura do referencial de Cidadania e Profissionalidade;
- Compreender a interligação entre a área de Cidadania e Profissionalidade e as restantes áreas de competências-chave (CLC e STC)
- Interpretar as competências correspondentes a cada Domínio de Referência de cada Núcleo Gerador;
- Compreender os critérios de evidência de cada competência;

- Integrar na autobiografia situações de vida passíveis de evidenciar competências;
- Evidenciar competências através do desenvolvimento do texto de acordo com os critérios de evidência e através da anexação de documentos/evidências.

Como resultados esperados, a minha expectativa é que, no final das sessões em grupo (presenciais e a distância), os formandos fiquem capacitados para, autonomamente e de forma correta, evidenciarem todas as competências do referencial de Cidadania e Profissionalidade.

4. A abordagem instrutiva

Enquanto primeiro responsável pela condução das atividades e processos conducentes ao desenvolvimento da aprendizagem nos seus alunos, qualquer professor/formador deve ter em conta, para além das características próprias da população alvo e do ambiente educativo induzido pelo programa curricular, os objetivos de aprendizagem que se pretendem alcançar. A tomada de decisões deve ter por base a conjugação de todos esses fatores, e à mesma não é alheia a experiência pessoal (profissional) decorrente de práticas anteriores, eventualmente bem ou mal sucedidas.

No que me diz respeito, conquanto o Processo de RVCC não seja um processo de ensino/aprendizagem propriamente dito, ele contém uma componente formativa que se materializa em sessões de grupo, numa fase inicial, em sessões individuais, numa fase posterior e numa forte componente de trabalho autónomo. Nas

sessões (em grupo ou individuais) cabe-me a responsabilidade de conduzir o processo formativo com base na abordagem instrutiva que considero mais adequada. Esta opção tem forçosamente em consideração as características dos formandos, os princípios básicos da andragogia aplicados ao Processo RVCC e o Referencial de Competências-chave (que, abusivamente, podemos considerar como programa curricular). Abordarei em primeiro lugar (e sucintamente) cada um destes fatores, com vista a esclarecer o ambiente educativo que envolve o processo de RVCC, para depois justificar a abordagem instrutiva que preside à proposta de atividades consubstanciada neste trabalho.

4.1. Os formandos em processo RVCC

São adultos, na sua maior parte ativos, que abandonaram a escola precocemente, mas que adquiriram competências e desenvolveram conhecimentos vários que nunca foram reconhecidos e certificados e que eles próprios muitas vezes não consciencializam. Apresentam elevados índices de motivação para a aprendizagem, mas a sua expectativa inicial de um processo de ensino muito escolarizado, colide com um processo que é centrado na sua autobiografia enquanto exercício reflexivo de identificação e integração das suas experiências de vida, através das quais desenvolveram competências (neste caso de Cidadania e Profissionalidade). Em consequência, frequentemente, confessam sentir-se «perdidos» e daí ser fundamental um apoio próximo do formador na fase inicial do processo. Todos possuem competências básicas em TIC e muitos

são utilizadores ativos de aplicações da *Web 2.0*, nomeadamente de redes sociais, de *blogs* e de plataformas de partilha de vídeos.

4.2. RVCC, pedagogia ou andragogia?

Os adultos em processo RVCC consciencializam o seu saber e o conhecimento do mundo que os rodeia de forma diferente dos jovens do ensino regular. Ao ser-lhes proposto um processo autobiográfico, eles desenvolvem um saber intrínseco às suas pessoas, que tem em consideração a sua experiência de vida e que se manifesta num saber, num saber-fazer e num saber-ser, ou seja, em competências, por oposição a um saber extrínseco transmitido num processo de ensino clássico. De facto, o atual paradigma da educação e formação de adultos - a *Long Life Learning* - corresponde sobretudo a uma mudança de paradigma de educação, centrado sobretudo na pessoa, na aprendizagem resultante da sua experiência anterior, a qual pode e deve potenciar, por um lado, a consciência das aprendizagens já desenvolvidas e, por outro, novas aquisições. Esta perspetiva de ensino/formação que se pode considerar desenvolvimentista «deriva dos fundamentos da psicologia cognitiva, que defendem que os indivíduos possuem esquemas pessoais de interpretação e de compreensão do mundo que são reajustados e substituídos por outros quando não conseguem resolver situações novas, dissonantes, para os esquemas existentes. Segundo a psicologia cognitiva, é através deste sistema de

desequilíbrio/reequilíbrio das estruturas cognitivas que o desenvolvimento e a aprendizagem se constroem. (...) A

aprendizagem não se traduz num processo de adicionar mais conhecimento, mas representa uma mudança à forma como se pensa» (Quintas, H., 2008, pags. 43,44). Neste contexto, o papel do formador dilui-se um pouco (todavia, não na totalidade) no que se refere ao ensino de conteúdos, mas fica reforçado enquanto condutor de processos reflexivos, de auto-aprendizagem e de aprendizagem enquanto ato social,

4.3. O Referencial de Competências-chave de Cidadania e Profissionalidade

É o instrumento fundamental, guia de todo o Processo RVCC; define as competências de Cidadania e Profissionalidade e a forma como esta área de Competências-chave se articula com as restantes (Cultura, Língua e Comunicação e Sociedade, Tecnologia e Ciência). Está organizado em oito Núcleos Geradores (grandes temas, que correspondem a outras tantas condições fundamentais da cidadania ativa), cada um dos quais subdividido em quatro escalas de análise denominadas Domínios de Referência (Privado, Profissional, Institucional e Macroestrutural). A cada Domínio de Referência corresponde uma competência, para a qual estão definidos três Critérios de Evidência. Como se pode constatar, a arquitetura do Referencial de Competências-chave é complexa e, para além disso, a linguagem em que é redigido é excessivamente hermética para a maioria dos formandos, o que exige um cuidadoso trabalho de descodificação que é feito fundamentalmente (embora não exclusivamente) em grupo, em sala de aula.

4.4. Do instrucionismo ao construtivismo

Considerando os objetivos de aprendizagem e o exposto anteriormente, creio que a abordagem instrutiva mais adequada deve conciliar o que melhor existe no instrucionismo e no construtivismo.

4.4.1. Instrucionismo

Sendo um ambiente mais estruturado centrado sobretudo no Formador e na descodificação do Referencial de Competências-chave, o instrucionismo está especialmente adaptado a uma fase inicial do processo de RVCC, na qual é fundamental explorar a lógica de organização do Referencial, alguns conceitos-chave, a identificação de situações de vida passíveis de evidenciar competências e os procedimentos a adotar para que os indícios de competências se transformem em evidências. Nesta fase de trabalho é fundamental uma orientação próxima e objetiva por parte do formador.

De acordo com a abordagem instrucionista, como por exemplo refere Roney, G., (2007), o professor/formador deve assegurar-se que:

- os conteúdos devem ser organizados de um modo significativo, para tornar a aprendizagem mais eficiente;
- os conteúdos novos devem estar ligados ao conhecimento adquirido anteriormente (experiência de vida);
- proporciona um forte apoio no processamento da informação recorrendo a diferentes tipos exemplos e documentos.

4.4.2 Construtivismo

Mas o processo de RVCC, como já referi, é essencialmente centrado no «eu» e embora não corresponda de facto a um percurso de ensino/aprendizagem mas sim de evidenciação de competências adquiridas, tem uma importante componente auto-formativa que pode e deve ser potenciada em processos de aprendizagem colaborativa. O debate de ideias, a partilha de dúvidas na interpretação das competências do Referencial e dos respetivos critérios de evidências, a identificação conjunta de situações de vida, a análise da forma como elas refletem competências e a reflexão conjunta sobre o trabalho produzido por cada um dos formandos, ajuda-os a posicionarem-se e a consciencializarem os seus próprios saberes e competências. Este é um processo de descoberta conjunto e progressivo.

Com efeito, segundo Piaget (1997) e Ausubel (1980), citados por Barbosa, C. & Serrano, C.(2005), podemos aprender novos conceitos se tivermos adquirido, anteriormente, outros conceitos pertinentes, sendo que a partilha de experiências e modelos mentais leva ao aprofundamento da aprendizagem (Nonaka e Takeuchi, 1997, Citados por Barbosa, C. & Serrano, C. (2005). Também para Smyser (1993), citado por Barbosa, C. & Serrano, C.(2005), o conhecimento adquire-se quando os alunos interagem ativamente com o professor e com os seus pares. Para os construtivistas, os alunos são participantes ativos e constroem o seu próprio conhecimento através das suas próprias vivências e da interação social.

4.4.3. Um «casamento perfeito» apadrinhado pelas TIC

Portanto, em minha opinião, instrucionismo e construtivismo são complementares no desenvolvimento do Processo RVCC. Digamos que são dois caminhos diferentes para alcançar o mesmo fim e que há espaços e tempos em que um ou o outro, ou os dois, se justificam. A fase inicial do processo, que corresponde a uma aprendizagem introdutória, é principalmente centrada em mim e na transmissão de informação de base, fundamental para que os formandos possam dar seguimento aos seus portfolios reflexivos de aprendizagem e à descodificação do Referencial de Competências-chave. Tento complementar esta componente mais marcadamente instrucionista com um trabalho de aprendizagem mais especializada e centrada no formando, que corresponde a uma perspetiva essencialmente construtivista. No fundo, tento descrever um percurso evolutivo que começa num paradigma instrucionista mas que se vai aproximando progressivamente de um paradigma construtivista, com o objetivo de desenvolver nos formandos o trabalho colaborativo, a autonomia e estratégias de meta-aprendizagem.

É precisamente neste contexto que a integração das TIC e o regime de *B-learning* podem representar uma mais-valia. Por um lado, debato-me com o constrangimento de dispor de muito poucas sessões em sala (quatro no total) e a solução passa por desenvolver parte das atividades a distância. Por outro, a própria utilização destas tecnologias acarreta, em si, benefícios para a aprendizagem e, por isso mesmo, há uma

intencionalidade didática na sua utilização. De forma resumida, creio que o *B-learning*, conjugando sessões presenciais com sessões a distância, síncronas e assíncronas, poderá potenciar:

- percursos de aprendizagem diferenciados;
- a auto-aprendizagem e a auto-regulação da aprendizagem;
- a aprendizagem num ambiente tecnológico evoluído;
- diferentes tipos de interação;
- a aprendizagem colaborativa;
- o desenvolvimento de diferentes modelos de aprendizagem.

5. As ferramentas tecnológicas - quais e porquê?

Já há algum tempo (aproximadamente um ano) que utilizo na minha prática letiva o *blog* CID+

(<http://cidmais.wordpress.com/>). Aquando da sua conceção considerei relevantes algumas questões de partida:

- funcionalidades disponibilizadas pelo serviço de *Blog Wordpress*;
- *layout* sóbrio, para que a atenção dos utilizadores (em particular os formandos em processo de RVC) se centre nos conteúdos;
- organização clara e objetiva dos conteúdos de forma a impedir que os utilizadores (sobretudo os menos experientes) se dispersem;
- facilidade de operação por parte dos utilizadores.

Posteriormente, na sequência do meu percurso de aprendizagem na unidade curricular Aprendizagem com as TIC,

tenho procurado adaptar o *blog* CID+ aos princípios da teoria da carga cognitiva aplicada aos ambientes multimédia:

- Princípio multimédia - combinei imagens e vídeos com significado para a informação escrita disponibilizada;
- Princípio da proximidade espacial - informação em formato *scripto* e imagens/vídeos respeitantes aos conceitos desenvolvidos surgem na mesma página;
- Princípio da proximidade temporal - texto e imagens/vídeos são apresentados em simultâneo, podendo os utilizadores recorrer aos mesmos em qualquer instante, sem necessidade de sair da mesma página;
- Princípio de coerência - evitei imagens/vídeos não relevantes;
- Princípio da modalidade - procurei que, nos vídeos embebidos, a animação fosse sugestiva e a narração clara (embora nem sempre em português) de modo a tornar a mensagem perceptível sem requerer grande esforço do utilizador;
- Princípio de redundância - este será, talvez, o menos respeitado porque a maior parte dos formandos, nos seus *posts*, abordam muitas vezes os mesmos temas (competências), embora nos seus contextos de vida próprios;
- Princípio das diferenças individuais - A linguagem que utilizo é simples, clara e acessível, adaptando-se a um leque diversificado de utilizadores (procuro, no entanto, sobretudo nas respostas aos *posts* dos formandos utilizar uma expressão escrita formal, correta e rica em vocabulário, no sentido de os incentivar a proceder do mesmo modo).

Concebi o *Blog CID+* como uma estrutura de suporte a distância do trabalho que desenvolvo presencialmente. Nesse sentido, ele disponibiliza informação de base sobre a forma como os formandos devem incluir e desenvolver na sua autobiografia as competências de Cidadania e Profissionalidade que tiverem a intenção de evidenciar. Mas para além disso, o que considero mais importante é a existência de uma bateria de exemplos de evidenciação de competências, elaborados e publicados pelos formandos e comentados por mim (e, desejavelmente, por outros formandos, embora ainda não tenha conseguido alcançar esse patamar). O *Blog CID+* constitui, portanto, uma plataforma assíncrona de interação e reflexão conjunta, consubstanciando uma comunidade de prática em torno da cidadania. Até ao momento, os resultados obtidos, o *feedback* recebido, o número de visitantes e o índice de participação dos utilizadores são de tal modo encorajadores que tornam «obrigatória» a continuidade do CID+.

No entanto, persiste o problema do reduzido número de sessões presenciais (quatro) que manifestamente é insuficiente face ao volume e complexidade de «conteúdos programáticos» que é necessário trabalhar com os formandos. Por isso proponho-me experimentar, com os grupos que vão iniciar o Processo de RVCC a partir de janeiro de 2011, a utilização de uma plataforma de *E-learning* com a qual já tenho alguma experiência (<http://www.wiziq.com/>), e que me permitirá desenvolver sessões a distância, síncronas (*video conferencing*) que, sem obrigar à deslocação dos formandos, tornarão possível a continuidade do trabalho em grupo. Estas sessões síncronas, a distância, exigirão uma familiarização prévia dos formandos

com a plataforma que será efetuada numa das sessões presenciais.

Creio que a utilização conjunta e coordenada destas duas ferramentas tecnológicas concorrerá para um profícuo aproveitamento do escasso tempo disponível para o trabalho em grupo, para o desenvolvimento de competências tecnológicas dos formandos e para o desenvolvimento de níveis mais profundos de aprendizagem, de acordo com o que afirmei no ponto 1.

6. Desenho instrucional - planificação de atividades

Considerados os objetivos de aprendizagem, o ambiente educacional inerente ao Processo RVCC e a experiência entretanto acumulada, e definidas a abordagem instrutiva que considero mais eficaz, bem como as ferramentas tecnológicas mais adequadas, planifiquei uma sequência de diferentes atividades que corresponde a um percurso formativo em regime *B-learning*. Esta proposta, contempla as quatro primeiras sessões presenciais seguidas de quatro a distância, sendo duas assíncronas suportadas pelo *Blog CID+* (<http://cidmais.wordpress.com/>) e duas síncronas, suportadas pela plataforma *wizIQ* (<http://www.wiziq.com/>), alternadamente. Este percurso formativo desenrolar-se-á de acordo com o quadro que se segue:

	Atividades/metodologia	Recursos	Avaliação
Sessão 1 Presencial	<u>Formador desenvolve:</u> 1.Introdução do conceito de competência. 2.Introdução dos conceitos de Cidadania e de Profissionalidade - exploração de vídeo do Youtube. 3.Introdução ao referencial de CP. 4.Abordagem geral de cada Núcleo Gerador transversalidade com as outras áreas. Exploração de vídeos do Youtube. <u>Formandos:</u> 1.Interação em grande grupo, debate de conceitos e colocação de questões.	<ul style="list-style-type: none"> • PPoint • Projetor • Portátil • Internet 	Participação ativa dos formandos
Sessão 2 Presencial	<u>Formador desenvolve:</u> 1.Identificação de situações de vida passíveis de evidenciar competências. 2.Evidenciação de competências em função dos Critérios de Evidência. <u>Formandos:</u> 1.Debate em pequeno grupo de exemplos de trabalhos realizados por outros formandos analisando se os mesmos evidenciam as competências de acordo com os respectivos critérios.	<ul style="list-style-type: none"> • PPoint • Projetor • Portátil • Internet 	Participação ativa dos formandos

<p>Sessão 3</p> <p>Presencial</p>	<p><u>Formador desenvolve:</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1.Evidenciação de competências em função dos Critérios de Evidência. 2.Apresentação do <i>blog</i> CID+ <p><u>Formandos:</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1.Cada formando partilha (lendo) o trabalho de evidenciação de uma competência à sua escolha, que é analisado e debatido em grande grupo. 2.Exploração em pequeno grupo do <i>blog</i> CID+ 	<ul style="list-style-type: none"> • Projetor • Portátil • Internet • Um PC por formando 	<p>Participação ativa dos formandos</p>
<p>Sessão 4</p> <p>Presencial</p>	<p><u>Formador desenvolve:</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1.Evidenciação de competências em função dos Critérios de Evidência 2.Apresentação da plataforma <i>wizIQ</i> <p><u>Formandos:</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1.Cada formando partilha (lendo) outro trabalho de evidenciação de uma competência à sua escolha, que é analisado e debatido em grande grupo. 2.Registo na plataforma <i>wizIQ</i>. 3.Exploração da plataforma em pequeno grupo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Projetor • Portátil • Internet • Um PC por formando 	<p>Participação ativa dos formandos</p>

<p>Sessão 5</p> <p>A distância síncrona</p>	<p><u>Formandos:</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1.Resposta a questionário <i>online</i> na plataforma <i>wiZIQ</i> (http://www.wiziq.com/) para aferição da aprendizagem efetuada. 2.Debate dos resultados do teste e de dúvidas surgidas. 3.Debate de participações de formandos de grupos anteriores no <i>blog</i> CID+ <p><u>Formador:</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Coordenação da sessão. 2. Orientação para a publicação de <i>posts</i> no <i>blog</i> CID+ 	<ul style="list-style-type: none"> • Um PC por formando com ligação à internet • Microfone e auscultadores 	<p>Resultados do questionário e participação ativa dos formandos na sessão criada na <i>wiZIQ</i></p>
<p>Sessão 6</p> <p>A distância assíncrona</p>	<p><u>Formandos:</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Publicação de um <i>post</i> com um exemplo de evidenciação de competências no <i>Blog</i> CID+ (http://cidmais.wordpress.com) 2. Comentário aos <i>posts</i> dos colegas <p><u>Formador:</u></p> <p>Comentário crítico a cada participação e incentivo do debate.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Um PC por formando com ligação à internet 	<p>Participação ativa dos formandos no <i>Blog</i> CID+</p>

<p>Sessão 7</p> <p>A distância síncrona</p>	<p><u>Formandos:</u> Apresentação e debate de dúvidas em sessão <i>online</i> na plataforma wizIQ (http://www.wiziq.com/).</p> <p><u>Formador:</u> 1.Coordenação da sessão. 2.Últimas indicações para integração e desenvolvimento de competências na autobiografia</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Um PC por formando com ligação à internet • Microfone e auscultadores 	<p>Participação ativa dos formandos na sessão criada na <i>wizIQ</i></p>
<p>Sessão 8</p> <p>A distância assíncrona</p>	<p><u>Formandos:</u> 1. Publicação de um <i>post</i> com outro exemplo de evidenciação de competências no <i>Blog CID+</i> (http://cidmais.wordpress.com) 2. Comentário aos <i>posts</i> dos colegas</p> <p><u>Formador:</u> Comentário crítico a cada participação e incentivo do debate.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Um PC por formando com ligação à internet 	<p>Participação ativa dos formandos no <i>Blog CID+</i></p>

7. Reflexão Final - as TIC na minha prática de Educação e Formação de Adultos

Desde 2002 que, em diferentes funções, acompanho a evolução da Educação e Formação de Adultos em Portugal e há três anos que faço parte da equipa pedagógica do Centro Novas Oportunidades de Cacilhas, tendo participado na estruturação e início do Processo RVCC no Nível Secundário. Ao longo deste tempo fui acumulando experiências que me têm ajudado a melhorar a minha proficiência. Com o trabalho em sala de aula e o acompanhamento individual dos formandos, fui verificando que a tecnologia pode contribuir positivamente para a alteração das práticas de professor/formador e alunos/formandos, atribuindo a todos um papel mais interveniente e colaborativo em que todos aprendem com todos, o que, simultaneamente, permite aos formandos percursos individuais de reflexão e construção ativa do seu conhecimento.

Porém, reconheço que esta perspetiva empírica é muito assente na intuição, embora devidamente refletida, nem sempre foi acompanhada por uma fundamentação teórica consistente, que, evidentemente, reforça e ajuda a pensar a prática - teoria e prática complementam-se. Por isso, este trabalho representou uma oportunidade de reflexão sobre os fundamentos teóricos que poderão explicar os bons resultados que (creio!) tenho obtido e ajudou-me a perspetivar algumas medidas que tenciono implementar a breve prazo (nomeadamente as sessões a distância síncronas), que penso poderem melhorar o meu

desempenho e, por inerência, a aprendizagem e o desempenho dos adultos com quem trabalho.

Em conclusão, valeu a pena.

Referências

- Barbosa, C., Serrano, C. (2005). *O blog como ferramenta para construção do conhecimento e aprendizagem colaborativa*. Consultado a 2 de dezembro de 2010 em <http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/011tcc3.pdf>
- Donaldson, A., Knupfer, N., (2001). *Education, learning, and technology*. United Kingdom: Idea Group Publishing, in Rogers, P., *Designing Instruction for Technology Enhanced Learning*. Consultado a 28 de novembro de 2010 em http://books.google.pt/books?id=QxB5IW4XKjUC&pg=PA19&pg=PA19&dq=Donaldson,+A.,+Knupfer&source=bl&ots=FBd5Tp_iSsd&sig=B30EzpGHO4gxnn95fk10RQZeW8g&hl=pt-PT&ei=sMcDTfveIJCswbHqd3rCQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=3&ved=0CCcQ6AEwAq#v=onepage&q=Donaldson%2C%20A.%2C%20Knupfer&f=false
- Miranda, G. (org.) (2009). *Ensino online e aprendizagem multimédia*. Lisboa: Relógio d'Água Editores
- NSWDET Country Areas Program Regional Consultants in conjunction with the NSWDET Rural and Distance Education Unit.(2010). *Blended learning, any time, anyhow, many ways*. New South Wales Department of Education and Training - Australia. Consultado em 5 de outubro de 2010 em http://www.cap.nsw.edu.au/blended_learning/Blended%20Learning%202010.pdf.

Quintas, H., (2008). *Educação de adultos: vida no currículo e currículo na vida*. Lisboa: Agência Nacional para a Qualificação.

Roney, G., (2007). *Why instructional designers should study theories of learning*. Consultado a 23 de novembro de 2010 em <http://e-articles.info/e/a/title/Why-Instructional-Designers-Should-Study-Theories-of-Learning/>